

CAMILA RIBEIRO CARDOSO
DOS SANTOS*
FRANCISCO JOSÉ PEIXOTO
ROSÁRIO**

diferenciais de determinantes do crescimento das principais cidades nordes-
tinas e suas regiões metropolitanas

* Mestranda em Economia Aplicada, pela Universidade Federal de Alagoas.

** Doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é investigar a composição das taxas de crescimento do produto em Salvador, Recife e Fortaleza e seus municípios metropolitanos, por meio da influência do crescimento do produto dos setores industrial e serviços nesses municípios separadamente e em comparação as regiões metropolitanas como um todo. Para alcançar os objetivos propostos utilizou-se o método diferencial - estrutural (Shift - Share) considerando a estrutura espacial como determinante e que define se o setor é dinâmico ou não no conjunto da economia do entorno, e do termo diferencial que se refere a fatores locais, evidenciando movimentos setoriais de especialização ou perda de competitividade. Após aplicação do método verificou-se que os setores de serviços e industriais não se mostraram dinâmicos no que tange ao crescimento do PIB metropolitano e que as atividades relacionadas aos serviços nos municípios em volta das principais cidades cresceram mais que o PIB setorial, enquanto o crescimento industrial desempenhou papel diferenciado nas três regiões metropolitanas, cabendo uma taxa de crescimento líquida positiva, para as três regiões metropolitanas quando calculadas agregadamente.

PALAVRAS-CHAVE

Regiões Metropolitanas; Nordeste; Indústria; Serviços; Crescimento.

ABSTRACT

This study aims investigate the composition of output growth rates in Salvador, Recife and Fortaleza and its municipalities located around (metropolitan areas). This effort was made by observations of the output growth influence in the industrial and services sectors in these municipalities, separately and compared with the whole metropolitan areas. To achieve this proposal, we used the Shift - Share method with the spatial structure as a determinant. After treatment applied it was found that the industrial and service sectors were not dynamic in terms of GDP growth and that the related activities to services in the municipalities around the major cities grew more than GDP sector, while industry growth played a role in three different metropolitan areas, leaving a net positive growth rate for the three metropolitan areas when calculated in aggregate.

KEY WORDS

Metropolitan Regions, Northeast; Industry, Services, Growth

INTRODUÇÃO

A ocupação espacial e a industrialização na Região Nordeste do Brasil se deu de maneira concentrada dentro de seu território, beneficiando, sobretudo, regiões portuárias, devido à grande importância atribuída às atividades exportadoras, relacionadas essencialmente às culturas da cana de açúcar, do algodão e da pecuária, responsáveis pela estruturação do espaço nordestino (Furtado, 2000). A organização da sociedade nordestina se dava em torno de complexos produtivos que eram ligados às regiões, por meio de estradas precárias, a regiões onde estavam situados portos de exportação em volta dos complexos produtivos e dos portos surgiram condições mais adequadas para o desenvolvimento da atividade econômica, transmitindo a característica concentradora destes espaços desde o período colonial até a contemporaneidade.

As etapas do desenvolvimento regional, que se sucederam ao período colonial intensificaram ainda mais as diferenças herdadas, cabendo, atualmente, às regiões metropolitanas dos maiores estados um papel de reunir a atividade econômica, população, produção e renda. Caracterizadas como grandes espaços urbanizados, estas localidades detêm um forte poder centralizador de decisões políticas e sociais, por reunirem grande número de sedes de empresas e instituições responsáveis pela gestão do território regional.

Dos espaços metropolitanos nordestinos procede a maior parte da produção industrial e de serviços da Região, tendo o desempenho dos referidos setores, dentro das regiões metropolitanas de Salvador, Recife e Fortaleza, intensa influência sobre o desempenho do Nordeste como um todo. Diante deste contexto e associado à presença de indicadores positivos das taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) das regiões metropolitanas e do Nordeste, em períodos recentes, este trabalho busca investigar se as variações sentidas nos setores industriais e de serviços nas capitais e nos municípios próximos tem contribuído de forma significativa para o crescimento do produto metropolitano como um todo, bem como investigar se os crescimentos setoriais mais representativos estão ocorrendo nas capitais dos estados ou nos demais municípios metropolitanos. Neste sentido optou-se pela utilização do método estrutural-diferencial (*Shift-Share*), que procura descrever

os padrões de crescimento de uma região em termos de sua estrutura produtiva e setorial (Haddad, 1989).

Para alcançar os objetivos propostos este artigo está dividido em 5 seções, sendo a primeira esta introdução, a segunda referente às abordagens teóricas que englobam os aspectos aglomerativos, considerando a formação e organização espaços centrais e urbanizados, a terceira se refere a uma breve contextualização do processo e estado da concentração metropolitana dentro da Região Nordeste, a quarta seção descreve a metodologia aplicada, bem como as variáveis e períodos selecionados para análise, na quinta se apresenta uma análise dos resultados encontrados e a sexta e última seção é referente às principais conclusões obtidas a partir dos resultados atingidos.

EXTERNALIDADES, ECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO E ÁREA CENTRAL

O conceito de externalidades e economias de aglomeração estão correlacionados, à medida que as economias de aglomeração surgem a partir de vantagens derivadas da proximidade, decorrentes da presença de externalidades positivas, também conhecidas como economias externas que permite que empresas e setores se beneficiem com ganhos de produtividade devido à localização de sua unidade produtiva. Desta maneira, as economias de aglomeração são expressas, dentre outros meios, através de reduções dos custos de transporte e de transação, melhor acesso à mão de obra qualificada e mais barata e melhor acesso a informações acerca de tecnologias empregadas por outras empresas e setores.

Algumas abordagens teóricas se voltam para explicar o desenvolvimento espacial considerando aspectos aglomerativos. A primeira referencia destas teorias remete à ideia proposta por Alfred Marshall¹, ainda no final do século XIX, na qual considerava os efeitos positivos da proximidade entre indústrias, enfatizando o conceito de distrito industrial. Fujita *et al* (2002) apontam que Marshall enfatizou que a aglomeração permite que as firmas se beneficiem com ganhos de escala internos e com economia externas, destacando o papel das externalidades pecuniárias e tecnológicas. A possibilidade oferecida por um grande mercado local de viabilizar a existência de fornecedores de insumos com eficiência de escala e as vantagens decorrentes de uma oferta abundante de mão de obra são

¹Alfred Marshall é citado por muitos autores como o primeiro a mencionar a importância dos fatores de aglomeração no processo de desenvolvimento industrial e econômico.

exemplos de externalidades pecuniárias, e como modelo de externalidades tecnológica, tem-se a troca de informações decorrentes da aglomeração de empresas de um mesmo setor ou de setores diferentes que utilizam de técnicas e tecnologias parecidas.

Em 1955, François Perroux lançou a *Teoria dos Pólos de Crescimento*², a partir da constatação de que o crescimento não ocorre de forma homogênea no espaço, manifestando-se em alguns pontos e propagando-se segundo vias diferentes e com efeitos finais variáveis, no conjunto da economia (Perroux, 1960, p.164). Neste sentido cabe ao Estado assumir uma posição intervencionista a fim de impulsionar a presença de atividades industriais, para isso o autor descreveu o conceito de indústria motriz, que detém o poder de dinamizar regiões atrasadas por meio de seu forte poder de encadeamento, atraindo indústrias movidas que se posicionam atrás e a frente na cadeia produtiva da indústria principal de maneira a impulsionar a existência de pólos de crescimento no espaço. (Andrade, 1977, p.68)

A *Teoria econômica e Regiões Subdesenvolvidas*, publicada em 1957, por Gunnar Myrdal defende a hipótese de existência de uma interrelação causal e circular nos fatores responsáveis pelo desenvolvimento. Para o autor, as regiões atrasadas sofrem com: 1) a ocorrência de troca desigual no comércio, enquanto localidades desenvolvidas exportam manufaturados, as regiões periféricas exportam matérias primas; 2) com o movimento de mão de obra que buscam os maiores centros, devido às melhores oportunidades oferecidas nestes locais; e 3) com as transferências de capitais, que despontam de regiões menos desenvolvidas (Cavalcante, 2009). Neste sentido, Myrdal aponta para a ocorrência de um ciclo vicioso³ em favor de regiões desenvolvidas, a teoria proposta pelo autor também defendia uma postura interventiva estatal para alteração deste quadro.

Cabe descrever ainda a teoria desenvolvida por Albert Hirschman em 1958, que dava ênfase aos efeitos de encadeamentos para trás e para frente, externalidades decorrentes da implantação de indústrias que estimulam a dinâmica econômica no entorno, os efeitos para trás viabilizam escalas mínimas de produção e efeitos para frente se referem ao impacto que a oferta de insumos exerce sobre os setores posicionados a diante na cadeia produtiva.

²A teoria dos pólos de crescimento serviu de inspiração para políticas regionais desenvolvidas em alguns países subdesenvolvidos, a exemplo do Brasil, especialmente entre as décadas de 1950 e 1960.

³Este ciclo é explicado pela presença de vantagens competitivas relacionadas com maiores taxas de retorno de capital, presença de melhor infraestrutura, maiores remunerações, entre outros.

Quanto às teorias de desenvolvimento regional mais recentemente desenvolvidas, Diniz (2006) destaca que elas buscam incorporar em seus pressupostos os seguintes itens: 1) conceitos de retornos crescentes de escala; 2) o papel dos investimentos e da conjuntura macroeconômica; 3) influência da inovação, dos novos paradigmas tecnológicos e da institucionalidade; 4) condicionantes ambientais das localidades; e 5) consideração das mudanças das forças organizadoras do espaço, incorporando novas características da centralidade urbana e metropolização.

A nova geografia econômica (NGE), proposta por Krugman em 1991, buscou explicar os motivos que levam à concentração de atividades produtivas em determinados espaços incorporando algumas hipóteses keynesianas e da teoria desenvolvida por Myrdal. O ponto crucial do modelo apresentado pela NGE se refere à atuação das forças que operam no sentido de concentração e desconcentração de atividades produtivas.

A concentração se dá pela atuação de forças centrípetas, de atração, que dizem respeito a economias externas, redução dos custos de transporte, maior acesso à mão de obra mais qualificada e estabelecimento de um maior poder de barganha frente aos fornecedores. O efeito gerado pela presença destas forças de atração provoca um processo circular de desenvolvimento, traduzido na concentração da atividade. Por outro lado, a desconcentração se dá pela atuação de forças centrífugas, de repulsão, configurando essencialmente as deseconomias de aglomeração, a exemplo de elevados custos de congestionamento, utilização do solo e de mão de obra. A saturação atua expulsando atividades produtivas e gerando efeitos contrários aos do provocados pelas forças centrípetas.

A atuação destas forças atua no sentido de provocar um processo de aglomeração ou desaglomeração no espaço, por meio da influência que elas exercem sobre a decisão de localização das firmas, suscitando desta forma, um processo de crescimento, estagnação ou retração local, a depender do efeito líquido de atuação das forças. Cabe ressaltar outro ponto importante incorporado pela nova geografia econômica, referente aos acidentes históricos como determinante na composição de forças atrativas ou repulsivas dentro espaço.

As teorias acima descritas permitem a descrição dos mecanismos e compreensão dos processos responsáveis pelo desenvolvimento do espaço industrial e, por conseguinte urbano, apresentando-se relevante ainda uma

breve descrição do funcionamento e principais características de um espaço tido como urbanizado, subdividindo-o área central e regiões periférica.

O processo de centralização ao estabelecer a Área Central configurou-a de modo segmentado, com dois setores: de um lado o núcleo central (core, Central Business District, ou CBD) e, de outro, a zona periférica do centro (frame, zone in transition, zona de obsolência). (Correia, 2005, p.40)

A área central, como centro de decisões e concentradoras de decisões possuem algumas características que a difere do espaço periférico, elas podem ser sintetizadas em: 1) utilização intensiva do solo devido à concentração da atividade econômica, sobretudo do setor terciário; 2) ampla escala vertical com a presença de grande número de edifícios; 3) ponto de convergência de transporte intraurbanos; e 4) área de tomada de decisões, devido à concentração de sedes de empresas e instituições governamentais.

As principais características das regiões periféricas são: 1) uso semi intensivo solo, geralmente utilizado para instalação de empreendimentos que demandem mais espaço, aproveitando assim o menor custo relativo encontrado, geralmente se instalam nestes locais atividades vinculadas com os presentes em áreas, de modo a aproveitar a acessibilidade a esta última; e 2) ampla escala horizontal, com a presença de prédios baixos e unidades residenciais (Correia, 2005).

O processo de descentralização direção dos espaços periféricos geralmente se dá pela interação de elementos que expulsam as atividades econômicas das áreas centrais com fatores de atração em regiões periféricas, anteriormente descritas economias e deseconomias de aglomeração. Tem-se no grupo de elementos responsáveis pela repulsão de atividades da área central, fatores como: 1) o aumento do custo pela utilização do espaço na área central; 2) a presença de elevados custos de transportes e de telecomunicações; e 3) não existência de espaços suficientemente grandes para comportar unidades produtivas. Enquanto, as atrações em áreas não centrais surgem quando são criadas infraestruturas adequadas, incentivos fiscais, facilidades de transporte e existência de grandes espaços adequados, de maneira a estimular o crescimento e propagação dos efeitos gerados por ele na localidade, dentre eles o desenvolvimento de setor de serviços, que é caracterizado como essencialmente urbano.

CONCENTRAÇÃO ECONÔMICA NOS ESPAÇOS METROPOLITANOS DO NORDESTE

Existe o consenso entre os autores dedicados à análise do Nordeste, sobre a concentração produtiva no território na área de seu litoral, em especial nas regiões metropolitanas das maiores cidades. Ferreira (2006) afirma que a predominância da agroindústria no processo de acumulação determinou, entre outras coisas, um tímido processo de urbanização, com exceção de alguns centros escoadouros portuários, tais como as cidades de Recife, Salvador e Fortaleza; Bernal (2006) ao realizar uma análise recente sobre o Nordeste coloca que a problemática espacial no Nordeste é muito complexa à medida que os investimentos públicos e privados são concentrados nas regiões metropolitanas, o fluxo migratório proveniente do interior se intensifica, o processo caótico de urbanização resulta na segregação urbana, no empobrecimento das categorias mais carentes e crescimento das favelas nas cidades de Fortaleza, Recife e Salvador.

Após realizar um procedimento econométrico visando agrupar as microrregiões do Nordeste segundo os padrões de crescimento do setor industrial no Nordeste, Melo (2009) expõe que as microrregiões de Fortaleza, Recife e Salvador se apresentam como *outliers*, comparadas com as demais. Carvalho (2008) enfatiza que as regiões metropolitanas de Fortaleza, Recife e Salvador têm mais população e renda do que os estados de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Sergipe. O Nordeste construiu suas principais cidades no litoral, onde investiu em infraestrutura e concentrou a base produtiva. Na faixa oriental entre Fortaleza, Recife e Salvador, estão 20 milhões de pessoas e 90% do PIB da região (ARAUJO, 2008).

A concentração demográfica e produtiva em torno das principais cidades nordestinas, espaços beneficiados desde o período colonial, quando já assumiam papel de destaque por serem entrepostos comerciais, por conta da presença de portos de exportação nestes lugares. Durante o século XX, o processo de industrialização brasileiro, derivado da substituição de importações, destacou as disparidades entre as macrorregiões do país, abrindo espaço para políticas de equalização, que foram regidas no Nordeste pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), a partir da década de 1950, a maior parte dos investimentos comandados pela instituição se destinou aos maiores

estados⁴ (Bahia, Pernambuco e Ceará) e foram concentrados em torno de suas principais cidades, por apresentarem condições infraestruturais mais adequadas para receberem os investimentos.

Com a crise do setor público nos anos 80, o Estado em sua esfera federal perde a capacidade desenvolvimentista e volta-se para políticas de estabilização macroeconômica, cabendo aos estados e municípios, o planejamento e execução das ações de desenvolvimento regional, que passaram a ter caráter descentralizado e regido, fundamentalmente pelos agentes privados. Dentro do Nordeste, as conseqüências deste processo foram, essencialmente, a migração de algumas indústrias situadas no Sul e Sudeste do país, em busca de ganhos de produtividade por meio de redução de custos com mão de obra e o acirramento de uma política industrial regional baseada na guerra fiscal, implantada com maior agressividade pelos maiores estados da Região.

Com a estabilização e recuperação da confiança no cenário nacional, devido, sobretudo, ao êxito do plano Real, os investimentos privados ganharam maior notoriedade, beneficiando regiões que apresentassem melhor vantagem competitiva, em termos de mercados, infraestrutura física e acesso à ciência e tecnologia, destacando, novamente, as regiões metropolitanas das cidades de Recife, Salvador e Fortaleza como mais adequadas para receberem os investimentos, cabe ressaltar ainda, no período, a política de fortalecimento regional focava-se em eixos nacionais de integração, organizados em torno de grandes vias, estruturando áreas que apresentam vantagens competitivas, valorizadas por uma maior acessibilidade aos portos do país, induzindo o desenvolvimento em direção para áreas já dinâmicas, deixando de fora espaços menos competitivos (Araújo, 2006, p. 40).

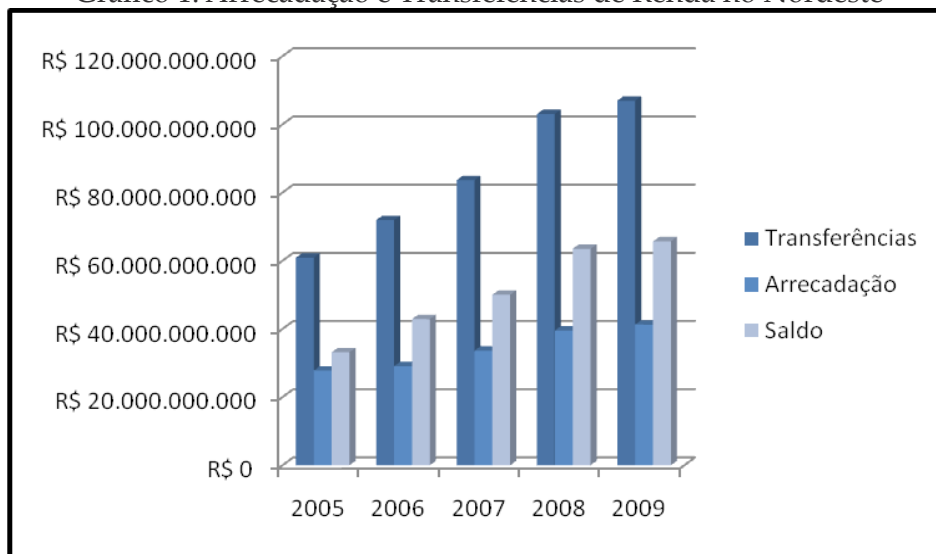
Nos anos recentes o desempenho da economia do Nordeste tem se destacado no cenário nacional, no período entre 2005 e 2009 a Região cresceu mais que 3%, enquanto o espaço metropolitano gozou de uma taxa⁵ um pouco maior de 1%, representando um saldo líquido negativo de 2% frente ao da Região. Neste período destaca-se o papel desempenhado pelo programas assistencialistas, intensificados desde 2003 e expressos por meio da grande expressão das transferências federais, que permite a dinamização

⁴ Rocha (2008) coloca que dos investimentos totais aprovados para a Região Nordeste, 43,5% se destinaram ao estado da Bahia, 21% se dirigiram Pernambuco e 7,2% ao Ceará.

⁵ A taxa de variação do PIB é calculada a partir de seu valor corrente.

via estimulação da demanda agregada, o governo federal ainda tem contribuído para o desempenho nordestino através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) por meio de investimentos em infraestrutura. O Gráfico 1, demonstrado a seguir apresenta a variação dos valores das transferências federais e do total arrecadado dentro da Região Nordeste.

Gráfico 1. Arrecadação e Transferências de Renda no Nordeste



Fonte: Ministério da Fazenda e CGU

A partir do Gráfico 1 se permite uma visualização do papel das transferências federais frente à arrecadação dentro do Nordeste, que apresentou valores consideravelmente maiores e seguiu tendência ascendente nos períodos analisados.

Ao observar os indicadores e as pesquisas mais recentes, relativos a condições estruturais, pode-se destacar que o quadro de concentração espacial de vantagens competitivas no Nordeste se mantém. De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e estatística – IBGE, em estudo realizado no ano de 2007⁶, as regiões de influência das três metrópoles cobrem todas

⁶ A metodologia adotada for descrita pelo IBGE como baseada foi aquela proposta por Michel Rochefort (ROCHEFORT 1961,1965; ROCHEFORT; HAUTREUX, 1963) para análise da rede urbana francesa, em Trabalhos que buscavam identificar os centros polarizadores da rede urbana, a dimensão da área de influência desses centros e os fluxos que se estabeleciam nessas áreas, a partir da análise da distribuição de bens (produtos industriais) e de serviços (serviços ligados ao capital; de administração e direção; de educação; de saúde; de divulgação) de forma complementar.

as outras seis capitais nordestinas e quase todo o território regional.

A partir da tabela 1, representada a seguir tem-se alguns números que permitem a visualização da concentração de alguns indicadores nordestinos dentro das regiões metropolitanas dentro do Nordeste.

Tabela 1. Alguns números do Nordeste e do espaço metropolitano

	Regiões Metropolitanas de Fortaleza, Recife e Salvador	Nordeste
TERRITÓRIO Km ²	8.226,778	1.554.387,725
POPULAÇÃO (2010)	10.017.868	53.081.950
PIB (2009)	160.400.595	437.719.730
EMPREGOS NA INDÚSTRIA (2010)	371.100	1.062.844
NÚMERO DE CENTROS DE EDUCAÇÃO (2011)	322	2.680
NÚMERO DE AGÊNCIAS BANCÁRIAS (2010)	774	2.825

Fonte: IBGE, INEP e RAIS

Nas regiões metropolitanas das cidades de Salvador, Fortaleza e Recife encontram-se 34 municípios dos 1794 do Nordeste, que ocupam uma área que representa cerca 0,5% da Região, onde estava concentrado aproximadamente 37% do Produto Interno Bruto (PIB) no ano de 2009. De acordo com o último censo demográfico, realizado no ano de 2010, a população destas localidades representava 19% do total da população do Nordeste, nelas também estavam concentrados aproximadamente 35% dos empregos gerados pelas indústrias extrativistas e de transformação. Os espaços metropolitanos do Nordeste detêm cerca de 12% dos institutos tecnológicos federais e universidades do Nordeste, sendo que os estados da Bahia, Pernambuco e Ceará contam com mais de 60% das instituições de ensino superior na região em 2011, além de deter as melhores condições rodoviárias e portuárias, com a presença dos três maiores portos da Região, sendo um deles o maior da América Latina, situado na RM de Recife.

A constante ocupação e valorização do território urbano das principais cidades inibem a presença de estruturas produtivas que demandem a utilização de grandes espaços, fazendo com que as regiões metropolitanas assumam importância dentro do processo de produção, fornecimento de bens industriais e demandantes de serviços, especialmente referente aos

de terceirização, estimulando também a oferta destes em volta dos estabelecimentos situados fora da capital, demonstrando um aspecto descentralizador da atividade econômica para ao redor das principais cidades.

Assumindo, os espaços metropolitanos do Nordeste um caráter centralizador de atividade econômica, procurou-se investigar por meio do método estrutural diferencial, também conhecido como *Shift-Share*, os impactos que as taxas de crescimento de setores industriais e de serviços desempenham sobre o crescimento do PIB nas regiões metropolitanas do Nordeste, dividindo a análise entre as capitais Salvador, Recife e Fortaleza e os demais municípios metropolitanos.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para definir os padrões de crescimento entre os municípios optou-se pelo método estrutural-diferencial (*Shift-Share*), que procura descrever os padrões de crescimento de uma região em termos de sua estrutura produtiva, possuindo essência intuitiva e sendo constituído basicamente de relações contábeis e definições⁷.

As variáveis selecionadas para decomposição do PIB foram: a taxa de crescimento do setor industrial e do setor de serviços, no período entre os anos de 2005 e 2009. De maneira a oferecer um panorama recente do comportamento do crescimento dos referidos setores no espaço metropolitano, subdividido entre capitais e demais municípios, bem como a relação estabelecida entre as taxas de variação setorial com a variação do produto interno bruto metropolitano.

Para aplicação do método, primeiramente se define a taxa de variação do valor adicionado do produto (PIB) do setor *i* na localidade *j* (Y_{ij}) calculada entre dois períodos.

$$g_{ij} = (Y_{ij1} - Y_{ij0}) / Y_{ij0} \quad (1)$$

Considerando g_i como taxa de crescimento do setor *i* em todas as localidades do conjunto da economia e g a taxa de crescimento do produto, aplicados a todos os setores em todas as localidades. O método diferencial-estrutural ou *Shift-Share* relaciona as taxas da seguinte forma:

$$(g_{ij} - g) = (g_i - g) + (g_{ij} - g_i) \quad (2)$$

A igualdade representa o efeito líquido do crescimento do setor

⁷ Ver detalhes em Haddad (1989)

na localidade sobre a variação do produto total, encontrada a partir da soma do termo estrutural ($gi-g$) e do termo diferencial ($gij-gi$). O termo estrutural permite identificar setores que crescem mais rapidamente que os demais, responsáveis pelo maior impacto sobre a taxa de crescimento do produto total, caso o valor deste termo seja positivo há indícios de que o setor é dinâmico e contribuem para a taxa de crescimento do produto, caso seja negativo é concluído que há sinais de estagnação. Ao passo que o termo diferencial permite verificar o papel de determinada localidade no desempenho setorial como um todo, caso o valor do termo seja positivo há identificação de tendências de espacialização e presença de vantagens locais, responsáveis pela atração das atividades do setor em questão, se o valor for negativo há vestígios de perda de competitividade setorial no local.

Uma limitação quanto à aplicação deste método, diz respeito ao fato dele representar apenas uma identidade, sem a existência de uma teoria por traz, possibilitando apenas informações descritivas acerca do crescimento regional. Segundo HADDAD (1989) esse método não foi concebido para gerar interpretações teóricas, se mostrando, apenas um modo basicamente intuitivo para identificação de componentes de crescimento.

Para investigar o papel dos setores industrial e de serviços sobre a variação do PIB das regiões metropolitanas (RMs) do Nordeste calculou-se o termo estrutural relacionando suas taxas de crescimento com a do produto entre os anos de 2005 e 2009, aplicados às regiões metropolitanas de Salvador, Recife e Fortaleza conjuntamente, por meio de média aritmética, e separadamente, dividindo o território entre as capitais e os demais municípios metropolitanos. Para verificar a força dos referidos setores nas localidades, calculou-se o termo diferencial do desempenho do produto industrial e de serviços nas capitais e da média dos demais municípios metropolitanos, frente ao desempenho setorial das regiões metropolitanas como um todo.

ANALISE DE RESULTADOS

As condições favoráveis presentes nas regiões metropolitanas nordestinas permitem que eles concentrem 47% do PIB industrial da Região. Cabe ressaltar ainda a importância do setor de serviços como vantagem competitiva, na medida em que estabelece o suporte para indústrias instaladas, especialmente no que tange à oferta de serviços de terceirização,

centralizando 34% do PIB gerado pelo setor em todo o Nordeste.

A Tabela 2 mostra a participação e a taxa de crescimento dos setores da indústria, de serviços e do PIB metropolitano na economia do Nordeste, aplicados entre os anos e 2005 e 2009, que serviram de base para aplicação do método utilizado neste trabalho.

Tabela 2. Participação (%) dos setores no Nordeste e Taxas de variação no período

	PIB (%)		Taxa de crescimento	PIB Industrial (%)		Taxa de crescimento	PIB de Serviços		Taxa de crescimento
	2005	2009	2005-2009	2005	2009	2005-2009	2005	2009	2005-2009
RM Fortaleza	9%	10%	3%	9%	11%	25%	10%	10%	-5%
RM Recife	12%	12%	0%	11%	12%	10%	12%	12%	-6%
RM Salvador	16%	15%	-7%	25%	24%	-5%	13%	13%	0%
Todas RMs	37%	37%	-2%	45%	47%	4%	36%	34%	-3%

Fonte: IBGE e IPEAdata

De acordo com a tabela 2, todos os espaços metropolitanos são responsáveis por cerca de 37% do PIB gerado no Nordeste nos períodos em questão, tendo a região de Salvador maior parcela nesta contribuição, esta localidade se destaca pelo considerável diferença apresentada frente às outras RMs no que tange ao produto industrial, sendo responsável por mais da metade dos produtos gerados pelas RMs, contudo esta foi a única região a apresentar queda de participação no período analisado, enquanto a região metropolitana de Fortaleza se destacou, apresentando o maior aumento seguido por Recife. No que tange ao setor de serviços, somente a RM de Salvador se manteve estável, havendo queda de participação em todas as outras mesorregiões metropolitanas, gerando um efeito líquido de 3% negativos sobre a participação total das regiões metropolitanas no Nordeste, esse fato relaciona-se com o crescimento econômico alcançado pelas cidades médias, nos períodos recentes, que passaram a demandar um número maior de serviços, estimulando a oferta destes em municípios mais afastados dos grandes centros.

Uma descrição mais detalhada acerca da divisão da participação dos setores entre as capitais e o restante espaço metropolitano, dentro de

suas respectivas regiões é apresentada na tabela 3.

Tabela 3. Participação (%) dos setores nas regiões metropolitanas.

	PIB		Taxa de variação	PIB Industrial		Taxa de variação	PIB de serviços		Taxa de variação
	2005	2009	2005-2009	2005	2009	2005-2009	2005	2009	2005-2009
Salvador	49%	49%	0%	24%	21%	-13%	69%	67%	-3%
Municípios metropolitanos baianos	51%	51%	0%	76%	79%	4%	31%	33%	7%
RM Salvador	100%	100%		100%	100%		100%	100%	
Recife	50%	49%	-3%	35%	35%	0%	54%	54%	-1%
Municípios metropolitanos pernambucanos	50%	51%	3%	65%	65%	0%	46%	46%	1%
RM Recife	100%	100%		100%	100%		100%	100%	
Fortaleza	77%	76%	-2%	57%	59%	4%	84%	82%	-2%
Municípios metropolitanos cearenses	23%	24%	5%	43%	41%	-5%	16%	18%	11%
RM Fortaleza	100%	100%		100%	100%		100%	100%	
Capitais	56%	56%	-1%	33%	33%	1%	66%	65%	-2%
Municípios Metropolitanos	44%	44%	1%	67%	67%	0%	34%	35%	5%
Todas RMs	100%	100%		100%	100%		100%	100%	

Fonte: Elaborado pelo autor usando base de dados do IBGE e IPEA

A partir das informações apresentadas na tabela 3, se observa que as atividades produtivas nos espaços metropolitanos estão concentradas em municípios situados nas proximidades das cidades principais, excetuando o caso da região metropolitana de Fortaleza que reúne a maior parte de seu PIB industrial na capital, isso é verificado porque unidades industriais geralmente ocupam uma área de instalação consideravelmente grande, não apresentando viabilidade para a implantação de plantas produtivas dentro das capitais, tidas como áreas bastante valorizadas, a instalação das indústrias em regiões periféricas de grandes centros urbanos permite o aproveitamento de vantagens geradas a partir da proximidade deles, aliado ao menor custo encontrado para a utilização do espaço verificado

nessas localidades.

O setor de serviços, caracterizado como uma atividade essencialmente urbana, apesar de ter sofrido queda de participação em todas as capitais das regiões metropolitanas, ainda se apresenta fortemente concentrado nestas cidades, cabe ressaltar que a grande oferta de serviços, observados nas metrópoles serve como fonte de vantagem competitiva para as unidades produtivas situadas em municípios próximos, por meio de serviços de terceirização, manutenção, entre outros que servem de suporte para a atividade industrial.

Após aplicação do método, descrito na seção voltada para explanação metodológica, a partir das taxas de crescimento se chegou aos resultados demonstrados a seguir e descritos detalhadamente, considerando primeiramente os efeitos encontrados com todas as regiões metropolitanas de Salvador, Recife e Fortaleza juntas e depois, uma a uma de forma separada.

REGIÕES METROPOLITANAS CONJUNTAMENTE

Tabela 4. Resultado do *Shift- Share* para as regiões metropolitanas conjuntamente

	Período 2005 a-2009			
	Estrutural		Diferencial	
	Indústria (gi - g)	Serviços (gi - g)	Indústria (gji - gi)	Serviços (gji - gi)
Cidades Principais	-0.3536	-0.3293	0.0088	-0.0276
Municípios metropolitanos	-0.3667	-0.2214	-0.0043	0.0803

Fonte: Elaborado pelo autor usando base de dados do IBGE e IPEA

Os resultados negativos dos termos estruturais ($gi - g$) das capitais e dos municípios metropolitanos indicam que o setor de serviços e o setor industrial, apesar de apresentarem elevadas participações dos produtos setoriais no período analisado, não obtiveram desempenhos suficientemente dinâmicos para explicar a taxa de crescimento das regiões metropolitanas entre os anos de 2005 e 2009. Levando em consideração a pouca relevância da atividade agrícola nesses espaços, que detêm altas taxa de urbanização, abre-se um espaço para consideração do papel positivo das políticas transferências, que estimulam a demanda

e pressionam a taxa de crescimento do PIB metropolitano nordestino via variações positivas no consumo.

No que tange ao termo diferencial ($g_{ji} - g_i$) a taxa de crescimento industrial nas cidades de Salvador, Recife e Fortaleza, desempenhou um leve papel sobre a taxa de crescimento do setor industrial, representado pelo efeito líquido das três capitais dentro das regiões metropolitanas, enquanto apresenta uma pequena perda de competitividade no setor de serviços, que passou a ter maior destaque nos municípios situados em torno das metrópoles, apesar das cidades principais ainda representarem 65% do PIB gerado por este setor dentro do espaço metropolitano regional.

REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR

De acordo com dados do IBGE e Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada (IPEA), no ano de 2009 os dez municípios⁸ formadores da região metropolitana de Salvador concentravam 49% do PIB, 66% do PIB da indústria e 49% do PIB de serviços dentro do estado da Bahia, a região de influência da capital⁹ é considerada a terceira maior do Nordeste alcançando a cidade de Aracaju, capital de Sergipe e quase o total do território baiano.

Tabela 5. Resultado do *Shift-Share* para a região metropolitana de Salvador

	Período 2005 a-2009			
	Estrutural		Diferencial	
	Indústria ($g_i - g$)	Serviços ($g_i - g$)	Indústria ($g_{ji} - g_i$)	Serviços ($g_{ji} - g_i$)
Salvador	-0.5479	-0.2364	-0.1402	-0.0425
Municípios metropolitanos	-0.3668	-0.1033	0.0446	0.0942

Fonte: Elaborado pelo autor usando base de dados do IBGE e IPEA

Na região metropolitana de Salvador, os termos estruturais da capital e dos demais municípios demonstram que os setores de serviços

⁸ A região metropolitana de Salvador é constituída pela capital Salvador e pelos municípios de Camaçari, Candeias, Dias d'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, São Francisco do Conde e Simões Filho.

⁹ As regiões de influência das cidades brasileiras foram definidas pelo IBGE em 2007, a partir da análise do fluxo comercial, por meio do alcance de bens e de serviços.

e da indústria não ajudaram a explicar a taxa de crescimento do produto nesta mesorregião no período.

Considerando o termo diferencial, o crescimento dos setores dentro da cidade de Salvador não contribuiu para o crescimento dos setores na região metropolitana, os dois índices encontrados no restante da região metropolitana tiveram valores positivos, indicando a presença de vantagens para o desenvolvimento dos referidos setores nas cidades próximas da capital.

No caso baiano, a atividade produtiva está fortemente vinculada ao complexo petroquímico e ao setor automobilístico, ambos situados no município de Camaçari, e às atividades envolvidas com a refinaria petrolífera instalada na cidade de São Francisco do Conde. Ao longo dos anos 90, o governo baiano implantou uma política industrial na busca de alavancar o crescimento do Estado, no início da referida década o governo deu início ao Programa de Promoção do Desenvolvimento da Bahia - PROBAHIA¹⁰, que teve como resultado a ampliação da base produtiva anterior, concentrando investimentos na Região Metropolitana de Salvador, o que estimulou a atividade da indústria e impulsionou a demanda por serviços, quando se mostravam elevados na região, isso contribui para justificar a grande concentração destes setores dentro da RM de Salvador.

REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE

Segundo dados do IBGE e IPEA, no ano de 2009 os catorze municípios¹¹ pertencentes à região metropolitana de Recife concentravam 65% do PIB, 72% da indústria e 63% dos serviços dentro do estado de Pernambuco, a região de influência da capital é considerada a segunda maior do Nordeste e a quinta do Brasil, alcançando as cidades de Maceió, capital alagoana; João Pessoa, capital da paraibana e Natal, capital do Rio Grande do Norte, além de quase a totalidade do território pernambucano e de várias outras cidades nos estados citados.

¹⁰Programa que se referia à concessão de financiamentos, com juros subsidiados, de um percentual do ICMS para novos empreendimentos industriais que fossem atraídos para o território baiano.

¹¹Abreu e Lima, Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Fernando de Noronha, Igarassu, Ipojuca, Itamaracá, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Olinda Paulista, Moreno e São Lourenço da Mata, além da capital Recife.

Tabela 6. Resultado do Shift- Share para a região metropolitana de Recife

	Período 2005 a-2009			
	Estrutural		Diferencial	
	Indústria (gi - g)	Serviços (gi - g)	Indústria (gji - gi)	Serviços (gji - gi)
Recife	-0.3061	-0.3478	-0.0027	-0.0137
Municípios metropolitanos	-0.3823	-0.3981	0.0014	0.0164

Fonte: Elaborado pelo autor usando base de dados do IBGE e IPEA

O termo estrutural referente aos setores apresenta valores negativos, demonstrando que os setores não se mostraram dinâmicos, na capital ou nos demais municípios, para impulsionar o crescimento total da região metropolitana.

Os valores negativos dos termos diferenciais encontrados na cidade de Recife demonstram que as de crescimento dos setores na capital não contribuíram para a variação dos produtos setoriais em toda a região metropolitana recifense, em contra partida, observa-se que os demais municípios puxaram a variação da indústria e dos serviços. Isso se justifica porque os setores responsáveis pela maior parte da atividade produtiva estão localizados fora da capital e no entorno do grande complexo industrial portuário de SUAPE, situado no município de Ipojuca, esse complexo industrial movimentava milhões de toneladas de cargas anualmente através de suas empresas, que durante o ano 2000 já representavam mais de 70, responsáveis pela geração de mais de 5000 empregos (Rocha, 2004).

A região metropolitana de Recife também conta com a presença de um porto digital, do desenvolvimento de serviços modernos de informática, iniciados ainda em 1970 pela Universidade Federal de Pernambuco, consolidando a região como referência no desenvolvimento de *Softwares*, por meio de instrumentos como infraestrutura física, fundos de capital e fundo de mão de obra de modo a atrair e manter profissionais qualificados em Pernambuco.

REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA

De acordo com o IBGE e IPEA, no ano de 2009 a região metropolitana de Fortaleza, distribuídas em seus 10 municípios¹², concentrava 64%

¹²Dentro da região metropolitana de Fortaleza, além da capital se encontram as cidades de Aquiraz, Caucaia, Eusébio, Guaiúba, Horizonte, Itaitinga, Maracanaú, Maranguape, Pacajus e Pacatuba.

do PIB, 73% da indústria e 63% dos serviços dentro do estado do Ceará, a região de influência da capital é considerada a maior do Nordeste e a quarta maior do país, alcançando a cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte; Teresina no Piauí e São Luís no Maranhão, além de várias outras cidades de médio e pequeno porte, situadas nestes estados.

Tabela 7. Resultado do Shift- Share para a região metropolitana de Fortaleza

	Período 2005 a-2009			
	Estrutural		Diferencial	
	Indústria (gi - g)	Serviços (gi - g)	Indústria (gji - gi)	Serviços (gji - gi)
Fortaleza	-0.1492	-0.4168	0.0525	-0.0243
Municípios metropolitanos	-0.3823	-0.3756	-0.0682	0.1294

Fonte: Elaborado pelo autor usando base de dados do IBGE e IPEA

Os resultados dos termos estruturais, encontrados frente à decomposição da participação das taxas de crescimento do setor de serviços e industrial aplicados para a região metropolitana de Fortaleza repetiu o desempenho encontrado nas outras regiões, onde a variação dos setores de serviços e da indústria não se destacou frente ao crescimento do produto interno bruto metropolitano.

A cidade de Fortaleza foi a única capital analisada que apresentou crescimento industrial suficientemente dinâmico para se destacar frente ao crescimento do produto em sua RM, contribuindo também para o efeito líquido positivo encontrado a partir do desempenho médio dos produtos industriais frente aos produtos totais aplicados a todas as regiões metropolitanas conjuntamente. Enquanto as demais cidades metropolitanas obtiveram um valor negativo do termo diferencial com referência à indústria, esse fato é justificado pelos tipos de setores produtivos dominantes nas localidades se refere a bens de consumo não duráveis¹³ (Paiva *et al*, 2007), em grande parte concentrado na capital, devido ao processo de abertura comercial, as indústrias têxteis e de calçados sofreram fortemente com a concorrência dos produtos importados, levando grande número delas a migrarem para o Nordeste, em busca de redução de custos, por meio de salários mais baixos, quando comparados com a Região Sul e Sudeste do

¹³Em 2007, a indústria têxtil e de calçados representavam 71,64% de toda a atividade produtiva do Ceará.

Brasil, considerando que as referidas indústrias são intensivas em utilização de mão de obra. Neste contexto, elas receberam incentivos fiscais e financeiros por parte do governo estadual, atraindo atividades de grupos nacionais e internacionais.

A região metropolitana de Fortaleza conta uma atividade industrial relativamente complexa, de acordo com Dantas e Silva (2009) a indústria da região conta com: 1) O pólo de Maracanaú com vários distritos industriais, que com incentivos; 2) O corredor industrial em São Gonçalo do Amarante, situado em sua faixa litorânea; e 3) O Complexo Industrial e Portuário de Pécem. A presença destas atividades estimula a demanda por uma série de serviços que dão suporte para as atividades industriais, que seguindo a tendência nordeste teve seu crescimento puxado pelos municípios metropolitanos sem a presença da capital.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, inicialmente se observa a presença de uma economia extremamente concentrada dentro de alguns poucos espaços mais dinâmicos, dando indícios de manutenção deste estado, demonstrados através dos indicadores demográficos, produtivos e estruturais.

A partir dos resultados encontrados, pelo termo estrutural do método *Shift-Share*, ao desagregar a taxa de crescimento do produto entre o setor de serviços e indústria, observou-se que em nenhuma das regiões metropolitanas analisadas, separadamente ou conjuntamente, o crescimento setorial foi suficientemente capaz de estimular as taxas de crescimento das capitais e dos demais municípios da mesorregião, isso pode ser justificado pela forte presença do Estado no processo de transferências de renda, principalmente referente aos programas assistencialistas responsáveis pelo incremento de demanda, impulsionando o crescimento de uma economia que não é acompanhada pela variação da produção e da oferta de serviços.

Os termos diferenciais, que representam em quais localidades as taxas de variação setoriais estão obtendo maior relevância na determinação da taxa de crescimento do setor, considerando a variação deste em toda região analisada, permitiram a obtenção de algumas conclusões para os setores industriais e de serviços dentro do espaço metropolitano. Para a atividade industrial, somente a cidade de Fortaleza, dentro da classe das

capitais conseguiu impulsionar o crescimento industrial em sua região metropolitana, cabendo aos municípios metropolitanos situados nas proximidades das capitais de Pernambuco e Bahia o papel impulsionador da atividade entre os anos de 2005 e 2009, apesar deste quadro, o desempenho da indústria alcançou resultados positivos a ponto de determinar o saldo líquido encontrado por meio da análise de todas as RMs em conjunto.

Com relação ao setor de serviços, no período em questão as RMs apresentaram queda líquida de 3% da participação do setor no Nordeste, contudo ainda assumindo um caráter concentrador, representado pelos 34% do PIB de serviços que as cabe dentro da Região. Os resultados positivos dos termos diferenciais em todos os municípios metropolitanos e negativos para todas as capitais evidenciam que as principais cidades, apesar de concentrar a grande maioria do produto setorial, não foram responsáveis pelo crescimento deste setor dentro dos espaços metropolitanos, demonstrando a ocorrência de um processo de descentralização das atividades do setor terciário, que detém como característica forte presença em espaços urbanizados, nota-se seu crescimento na direção dos outros municípios metropolitanos do Nordeste, outra justificativa cabível neste quadro se refere à saturação dos espaços das capitais, que inviabilizam o desenvolvimento de atividades devido aos elevados custos de congestionamento presentes nos locais. Sendo constatada uma tendência generalizada de desconcentração da oferta de serviços nos espaços metropolitanos para fora das capitais, evidenciando um processo de intensificação das economias de urbanização para além das principais cidades.

Diante do que foi observado, nota-se que as maiores localidades do Nordeste, responsáveis por concentrar parcela considerável da produção e população regional, tidas como regiões mais industrializadas, urbanizadas e dinâmicas não conseguiram vincular o desempenho de suas taxas de crescimento com as taxas de crescimento da economia dos setores de serviços e da indústria, considerando-se o pequeno papel assumido pela atividade agropecuária em espaços com elevado índice urbanização, levanta-se uma questão preocupante, referente também ao restante do território regional, quanto à dependência exógena apresentada pela economia nordestina no período de análise.

Finalmente, em termos de sugestão de políticas, tendo em vista que as regiões mais dinâmicas apresentam um quadro de pouca evolução

da base industrial, propriamente dita, cabe aos gestores públicos locais e regionais responsáveis pelas políticas públicas uma atuação no sentido de melhoramento de condições infraestruturais de modo a ampliar a presença de vantagens competitivas regionais e diminuir a vulnerabilidade das taxas de crescimento diante de fatores externos.

REFERÊNCIAS

- ABLAS, L. A. Q; PINTO, R. F. **Nordeste Brasileiro: Crescimento e Dinâmica Espacial no Período 1970 – 2008**. Revista Econômica do Nordeste. Vol.40. n.4. 2009.
- ALMEIDA, P; **A economia de Salvador e a formação de sua Região Metropolitana**. In: PEREIRA, G; CARVALHO, I. (Orgs.). Como anda Salvador. Rio de Janeiro-RJ: vol. 4, Letra Capital - Observatório das Metrôpoles, 2009.
- ANDRADE, M, C; **Espaço, Polarização e Desenvolvimento**. Editorial Grijalbo, 1ª Edição. São Paulo –SP, 1977.
- ARAÚJO, T, B. **Nordeste, nordestes: que nordeste?** In: AFONSO, R; SILVA, P. (Orgs.). Desigualdades regionais e desenvolvimento. São Paulo-SP: FUNDAP / UNESP, p. 125-153, 1995.
- BALANCO, P; SANTANA, G. **A indústria de transformação do Nordeste no período 1994-2005: Uma análise estrutural e espacial**. *Revista Desenhavia*, n.7, set. 2007.
- BERNAL, C. **O Nordeste contemporâneo e a nova SUDENE**. In A Questão Regional, o Nordeste e Celso Furtado. UFC Edições. Fortaleza – CE, 2006.
- CARVALHO, C. P.O. **Nordeste: sinais de um novo padrão de crescimento: 2000 – 2008**. In Encontro Nacional de Economia, 36, 2008, Salvador. Anais...Salvador: ANPEC, 2008.
- CLEMENTINO, Maria; SOUZA, Maria Ângela (Orgs.). **Como andam Natal e Recife**. Rio de Janeiro – RJ: Letra Capital – Observatório das Metrôpoles, 2009.
- CORREIA, R, L. **O espaço urbano**. Editora ática. São Paulo – SP. 2005.
- DANTAS, Eustógio; SILVA, José. **A formação histórica da metrópole e as principais tendências de desenvolvimento**. In: PEQUENO, Luís (Org.). Como anda Fortaleza. Rio de Janeiro-RJ: vol. 5, Letra Capital – Observatório das Metrôpoles, 2009.
- DINIZ, C, C. A; **Questão regional e as políticas governamentais no Brasil**. Texto para discussão Cedeplar/ FACE/ UFMG. Belo Horizonte – MG, 2001.

DINIZ, C. C; CROCCO, M. **Bases Teóricas e instrumentais da economia regional e urbana e sua aplicabilidade ao Brasil.** In Economia Regional e Urbana. Editora UFMG. Belo Horizonte – MG, 2006.

DINIZ, C. C; CROCCO, M. A. **Reestruturação Econômica e Impacto Regional: O novo mapa da indústria brasileira.** In Revista Nova Economia. Belo Horizonte, v. 6, n.1, 1996

FERREIRA, A; **Nordeste Brasileiro: contraponto inacabado de acumulação?** In A Questão Regional, o Nordeste e Celso Furtado. UFC Edições. Fortaleza – CE, 2006.

FERRAZ, J.C., KUPFER, D. e IOOTY, M. *Made in Brazil: Industrial Competitiveness 10 Years after Economic Liberalisation.* Latin America Studies Series no. 4. Japan External Trade Organization. 2003.

FUJITA, M; KRUGMAN, P; VENABLES, A.J. **Economia Espacial.** São Paulo. Editora Futura, 2002

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** São Paulo-SP: 27ª ed., Companhia Editora Nacional, Publifolha, 2000.

GUIMARÃES NETO, L. **Introdução à formação econômica do Nordeste.** Recife: Massangana, Emprego Industrial por Estado do Nordeste. 1989.

GTDN. **Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste.** 2. Ed. Recife: SUDENE, 1967.

HADDAD, P. R. (Org.) **Economia regional: teorias e métodos de análise.** Fortaleza: BNB/ETENE. 1989.

HIRSCHMAN, A. O. **Transmissão inter-regional e internacional do crescimento econômico.** In: SCHWARTZMAN, J. Economia regional: textos escolhidos. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977. p 35-52.

LACERDA, R. M. **Economias de escala, externalidades e desenvolvimento regional.** Revista: Ensaio sobre economia regional, Editora UFS, Aracaju, 2001.

LIMA, A.C.C; LIMA, J.P.R. **Programas de desenvolvimento local na Região Nordeste do Brasil: uma avaliação preliminar da “guerra fiscal”.** In Economia e Sociedade. Campinas, v.19, n.3 (40), pg. 557 – 588, dez. 2010.

PAIVA, W. L.; CAVALCANTE, A.L.; ALBURQUEQUE, D.P.L.
Localização Industrial: Evidências para a economia cearense.
Texto para discussão. Fortaleza – CE, 2007.

PERRON, F. *L'économie Du xxècle*. Paris: PUF, 1960.

RODRIGUEZ, O. Prebisch: *Actualidad de sus ideas básicas*. Revista de La Cepal nº 75. Santiago de Chile, Dezembro, 2001.

ROCHA, A, G.T. **Os Governos aprendem, as políticas evoluem: Fatores cognitivos e políticos moldando as políticas industriais do Ceará, da Bahia e de Pernambuco.** Tese de doutorado. Puc-Rio. Rio de Janeiro - RJ. 2004.

SABÓIA, J. **A indústria brasileira no Nordeste e as desigualdades inter e intraregiões.** In *Revista Econômica*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 61-102, junho de 2004.

SANTOS, Valdeci. **A indústria incentivada no nordeste: as experiências das RMs de Salvador, Recife e Fortaleza.** Dissertação (Mestrado em Economia). Recife-PE: UFPE, 1994.

SIMONSEN, R. C. **História econômica do Brasil.** 6. Ed. São Paulo: Nacional, São Paulo – SP, 1969.

SOUZA, C.C.A. **Análise de Crescimento das Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte e Curitiba: Um estudo comparativo.** Anais do X Seminário sobre a Economia Mineira. Diamantina, 2002.

WANDERLEY, L.A. **Caracterização industrial e transformações da década de 1990: Brasil e Nordeste.** IN Nordeste: reflexões sobre aspectos setoriais e locais de uma economia. Org. Antonio Lisboa Teles da Rosa e Ahmad Saeed Khan. Pg. 53-82. CAEN Fortaleza, 2002.